

OS ÚLTIMOS SUSPIROS DO MAIOR TEMPLO DE LUXO DO BRASIL

Paulo Sampaio

Às vésperas de ser total ou parcialmente vendida, Daslu desmonta aos poucos a boutique que um dia abrigou 300 marcas de luxo e provocou muita polêmica e comoção

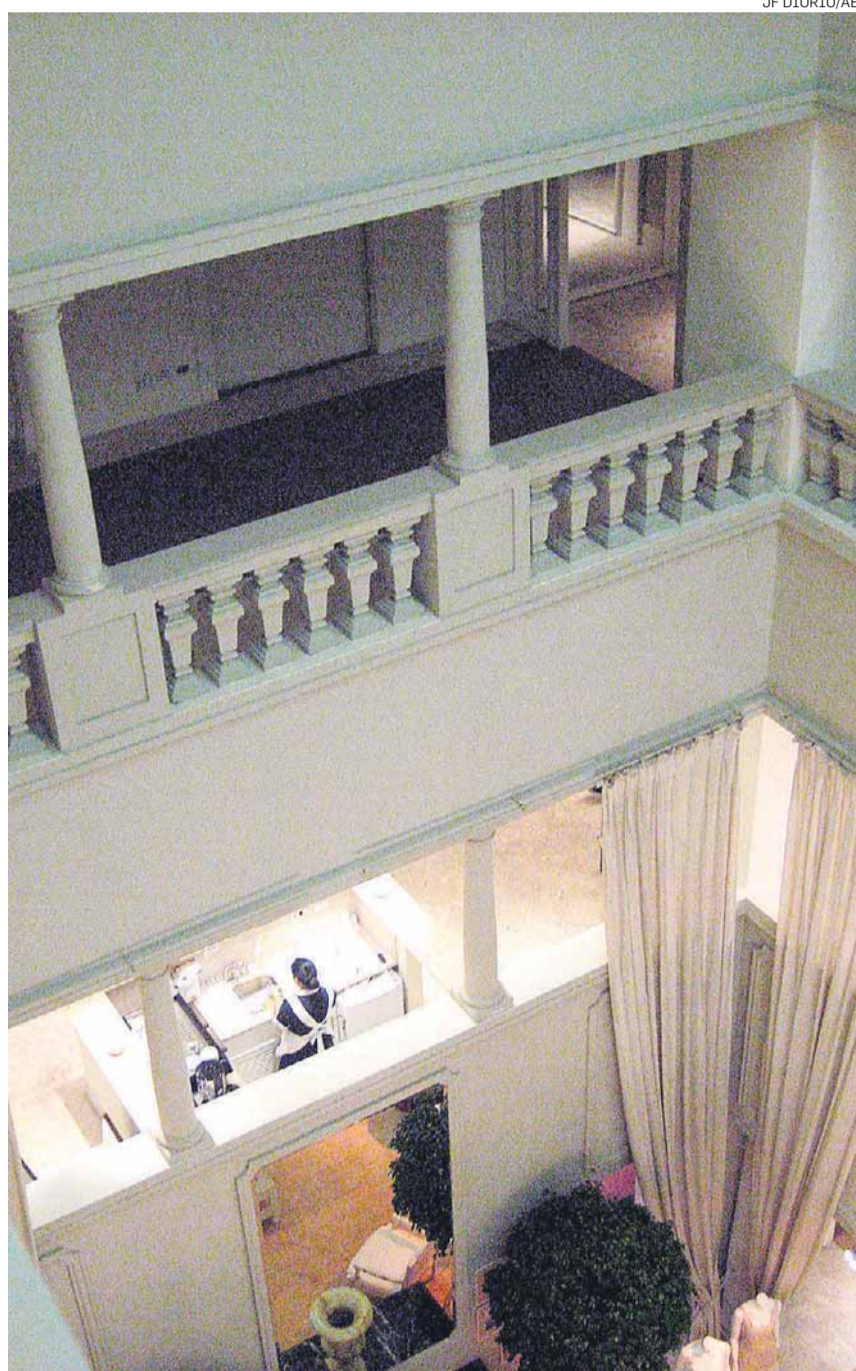
Este talvez seja o último crostini que a empresária Cibele Baccaro, de 44 anos, come na pâtisserie Pati Piva da Villa Daslu. Ela conta que tem aproveitado ao máximo os derradeiros momentos da boutique multimarcas, antes do desmonte completo das salas que um dia abrigaram as grifes mais luxuosas do mundo em um portentoso prédio neoclássico na Marginal Pinheiros, em São Paulo.

Ao mesmo tempo, a empresária Eliana Tranchesi aguarda um desfecho para a sua grife. Na próxima semana, a Daslu fará assembleia com 200 credores para aprovar a entrada de investidores na empresa por meio de um leilão. Em recuperação judicial desde o ano passado e com um dívida estimada em R\$ 80 milhões, a empresa pode passar para as mãos de um novo grupo. Embora saiba que não tem nenhum poder sobre a decisão da Justiça, Eliana acredita que vai surpreender. “Eu vou voltar com a Daslu que todo mundo ama”, disse a empresária ao **Estado**.

A Daslu começou a micar cerca de 40 dias depois da inauguração da boutique, em 2005, quando Eliana recebeu uma visita surpresa da Polícia Federal – que resultou na sua prisão. Acusada de fraude em importação, formação de quadrilha e falsidade ideológica, Eliana foi condenada a 94,5 anos de prisão – a decisão cabe recurso. A dívida fiscal, que não é afetada pela recuperação, supera R\$ 500 milhões.

Concebida para vender de bolsa Chanel a helicóptero, a Villa Daslu está com os dias contados. No fim de janeiro, o segundo andar, onde ficava o setor masculino, foi transferido para o térreo; o terceiro, o quarto e o quinto já tinham sido. As (poucas) marcas importadas que não se retiraram desde 2005, também. “Quando você vê esse ar de abandono, dá uma tristeza”, diz Cibele, acompanhada de amigas. “Nunca sei o que vou encontrar da próxima vez. Desde a última, sumiram umas dez lojas. É uma pena.”

Por enquanto, está decidido que a boutique se mudará para o JK Iguatemi (no prédio vizinho) em setembro, quando está prevista a inauguração. Ocupará um espaço bem mais modesto. No mesmo mês, Eliana também quer abrir uma loja de 800 metros quadrados no Rio. Enquanto setembro não vem, as solitárias mesas da



JF DIORIO/AE

Desfecho. Três dos cinco andares da boutique já foram desocupados

pâtisserie Pati Piva estão cercadas por corredores sombrios que dão em lojas desativadas ou escadas interdadas. O elevador não para mais no segundo piso. No hall de distribuição inteiramente desocupado do terceiro, um monitor acima da lareira permanece ligado, transmitindo imagens de desfiles da Daslu, mesmo não havendo ninguém para assistir.

‘Órfãs’. Cibele e suas amigas dizem se sentir um pouco “órfãs”. “É como se a gente tivesse perdido alguém

muito querido, sabe?”, explicam. “Esse lugar era o máximo, a decoração, o atendimento, a variedade de tudo o que você puder imaginar, as grifes todas em um só lugar, onde mais você encontra isso no mundo?”

A lástima das órfãs saudosistas é reforçada pelo aspecto fantasmagórico das salas antes ocupadas por Chanel, Dior, Prada e Salvatore Ferragamo, que estavam entre as grifes estrangeiras de luxo que o espaço abrigava na inauguração. Ali, agora, há tapetes enrolados no chão, marcas de móveis

Marcus Elias e JHSF, do Cidade Jardim, avaliam Daslu

● O destino da marca Daslu deve ser definido nos próximos dias. Na assembleia prevista para ocorrer nesta semana, os credores deverão aprovar a entrada de investidores na companhia, que precisa de capital para tocar a operação e pagar as dívidas, estimadas em R\$ 80 milhões. O principal credor é o banco HSBC. Segundo o ‘Estado’ apurou, há pelo menos três grupos interessados em comprar a Daslu.

O candidato mais forte é o empresário Marcus Elias, amigo de Eliana e dono do fundo Laep, que comprou a Parmalat em 2006 também durante recuperação judicial. Procurado, Marcus Elias não quis comentar a informação.

A incorporadora JHSF, dona do Shopping Cidade Jardim, outro reduto de luxo de São Paulo, também avalia o negócio. Mas, segundo fontes próximas à companhia, existe o receio de que a operação de varejo fuja muito do seu foco. Não é certo que Eliana continue no negócio criado por sua mãe numa casa na Vila Nova Conceição, em São Paulo. O plano de recuperação judicial apresentado no ano passado, que foi visto com simpatia pelos credores, prevê a manutenção da loja âncora no Cidade Jardim e que parte da boutique original migre para o Shopping JK em setembro. “Pode esperar: a Daslu sempre surpreende. Não tenho poder de decisão nenhum no leilão, que está na mão da juíza. Mas eu sei que ela quer o melhor pra todo mundo e para a Daslu. É uma fase que a Daslu vai passar”, disse Eliana Tranchesi ao ‘Estado’.

nas paredes e manequins empilhados pelos cantos. Funcionários carregam restos de armários e araras.

Desde a inauguração da Villa Daslu, em 2005, tudo o que se divulgou da megaboutique tinha dimensões faraônicas. O custo do empreendimento de 20 mil metros quadrados, onde trabalhavam 700 empregados, foi estimado em R\$ 100 milhões. Só de modelos de sapatos, nos primeiros tempos, havia 3.500; escadas rolantes, 12.

O marketing da exclusividade foi levado às raias do absurdo. O acesso

era propositalmente dificultado para evitar o ingresso de “gente de passagem”, ou a pé. Apesar do número de grifes de luxo, cerca de 300 (contando as nacionais), deixava-se claro que aquilo não era um ponto de fluxo, mas de venda. “Em um lugar como a Daslu, você não mede o sucesso pelo número de pessoas que está na loja. Aliás, é até melhor não ter muita gente, porque você pode dar mais atenção à cliente que compra, fazer um vínculo com ela, fidelizá-la”, diz a ex-vendedora (ou dasluzete) Clel Marques do Valle, de 52 anos, que trabalhou na boutique por 10 anos.

Sua teoria explica um pouco por que, apesar de ter uma frequência diária de cerca de 800 pessoas – contra 48 mil do Shopping Iguatemi, por exemplo –, o tíquete médio é tão alto: R\$ 800. “A grande maioria dos frequentadores da Daslu é ‘heavy user’ (vai muito e compra sempre)” diz o consultor José Carlos Aguilera, da Galeazzi & Associados, uma das empresas contratadas para socorrer a Daslu nos últimos anos.

Cliente fiel. A relação com a cliente fiel era tão direta que, em suas viagens de compras, nos showrooms das grifes internacionais, Eliana e sua sócia, Donata Meirelles, faziam os pedidos já pensando nos “heavy users”. Costumavam anotar em seu caderninho, por exemplo: vestidos Hebe Camargo; bolsas Safra; longos Luciana Gimenez; tailleurs Bia Dória.

O estacionamento custava R\$ 30, mas os clientes exclusivos ganhavam um cartão para entrar sem pagar (hoje, o ingresso de carro não se dá mais pelos imponentes portais com cancela da Rua Chedid Jafet, mas por uma rampinha escondida no final da Avenida Juscelino Kubitschek).

Quando Eliana despontava com seu Porsche Cayenne de R\$ 450 mil na portaria do casarão, dois empregados no interior subiam as escadarias carpetadas borrifando purificadores de ar para “limpar” a passagem.

“Até para conseguir trabalhar lá tinha fila. Fiz o teste em 2004, mas só fui chamada um ano depois e ainda assim para ser caixa. Eu amo a Daslu. Sempre quis trabalhar aqui”, diz subgerente da loja do Shopping Cidade Jardim, que prefere não se identificar, aberta bem depois do escândalo. No auge da exposição, uma das dasluzetes era a filha do então governador, Sofia Alckmin.

Com a migração de dasluzetes e de marcas importadas para o Shopping Cidade Jardim, na margem oposta da Marginal Pinheiros, boa parcela das órfãs da Villa Daslu agora circula por aqueles corredores com seus sapatos Louboutins e suas bolsas Bottega Veneta. Estão ali grifes como Giorgio Armani, Carolina Herrera, Hermès, Tiffany e Chanel.

Em uma outra frente de luxo, junto com o Cidade Jardim e o Iguatemi, o aguardadíssimo Shopping JK, dos mesmos empreendedores, já briga para abiscoitar a clientela de heavy users. Com um investimento orçado em R\$ 240 milhões, o JK vai ficar em um terreno vizinho à Villa Daslu e tem como sócio o dono do prédio, Walter Torre, pelo que se espera que agregue uma espécie de luxo remanescente. A Villa Daslu será ocupada por escritórios. AWTorre também não descarta a alternativa de transformar o espaço em teatro, marcando, assim, o fim de um ciclo.

estadão.com.br

Fotos. Confira galeria que mostra o desmonte na Villa Daslu
<http://economia.estadao.com.br>

ENTREVISTA

Eliana Tranchesi,
Controladora da Daslu

‘A juíza quer o bem da Daslu, a marca faz parte da vida das brasileiras’

Em entrevista, a empresária Eliana Tranchesi, de 54 anos, diz que não tem nenhum poder de decisão no leilão da Daslu, agendado para março, mas considera uma boa solução para a marca.

● O que você acha do leilão?

É uma solução muito boa para a Daslu, perpetua uma marca que afinal de contas faz parte da vida das brasileiras. São seis gerações de mulheres que compraram aqui. É a única marca de luxo do país, né? Fora o Fasano, que é de restaurantes, e a H. Stern, de joias.

● Você tem poder de decisão no leilão, ou só os credores?

Não tenho poder de decisão nenhum. Está tudo na mão da juíza. Mas vai ser uma coisa boa. Porque a juíza sempre quer o bem para a empresa, para os credores, os empregados, e o que for bom pra todo mundo

vai ser bom pra Daslu.

● Quantas grifes estrangeiras femininas a Daslu vende hoje? O mesmo de sempre, 120.

● Mas vocês perderam uma porção. Chanel, Prada, Dior...

A gente trabalhou tão bem a imagem delas, que as maiores resolveram trazer o negócio para os malls daqui. Mas a Daslu, ao invés de diminuir, aumentou. Hoje, a marca representa 80% do nosso faturamento.

● Mas a tendência agora é essa mesmo, a Daslu virar cada vez

mais só a marca Daslu, certo?

A Daslu que todo mundo ama. Que elas estavam morrendo de sentir falta.

● Para você, a Villa Daslu tem um valor afetivo grande. Desde a inauguração...

E que coisa linda, né? Lembra da orquestra? Contando pro Valentino ele caiu de quatro, não acreditou. Mas a Daslu continua, a gente está crescendo em uma outra direção. Vamos abrir no Rio, em setembro, uma loja de 800m². E a gente vai fazer tudo isso na nova, viu? Você vai ter o prazer.



JANETE LONGO/AE